

A POÉTICA NAS COMPOSIÇÕES DE LUIZ ASSUNÇÃO: A PALAVRA CANTADA COMO VESTÍGIO DE UMA CULTURA ESCRITA

Vanessa Nascimento de Souza*

Luiz Gonzaga Assumpção, ou apenas Luiz Assunção nasceu na cidade de São Luiz, no estado do Maranhão em 11 de julho de 1902. Seu pai, Liberato Lopes Assumpção era cearense e sua mãe, Palmira Rocha Santos Assumpção era maranhense. Aos quatro anos de idade começou a tocar suas primeiras notas, ensinadas por sua mãe que era pianista e tocava músicas eruditas e sacras. Apesar de ter tido gosto para medicina e ter pensado em se tornar médico cirurgião tendo na mãe uma grande referência musical acabou sendo induzido por ela ao completar 12 anos, aprender a tocar piano logo se apaixonando pela arte, não pensando mais em nenhuma outra profissão. Aos 26 anos de idade, o compositor mudou-se para Fortaleza e aqui estabeleceu seus laços de trabalho e afetividade até o ano de sua morte em 1987.

Poeta, compositor, pianista, dentre tantas outras atividades artísticas, Luiz Assunção era imensamente apaixonado pela cidade que escolherá para ser sua terra amada, Fortaleza lhe servia de inspiração. Logo, ao pensarmos a sociedade em que Luiz Assunção viveu, revelou-se para nós, como o mesmo enxergava e sentia essa sociedade, narrando-a sempre de forma melódica, repleta de sentimentos, o compositor criava a cidade de seus sonhos, deixando manifestos seus medos e desejos, suas intencionalidades. Composições, versos, poemas, denunciavam as sensibilidades do poeta enamorado da boemia e faziam conhecer o *flaneur* que existia dentro dele. Um homem que andava em meio à boemia da noite, circulando entre bares e cabarés, tocando, bebendo, fazendo desses espaços seu local de divertimento e de trabalho. Dessa forma ele buscava retratar em seus escritos e composições como ele enxergava e sentia essa sociedade.

Como carnavalesco convicto e orgulhoso de seu reconhecimento nos carnavais de rua, Luiz Assunção era um homem que vivia a narrar fatos e acontecimentos em forma de canção, sempre buscando trazer uma melodia apaixonada e melancólica como podemos observar na composição, *Adeus Praia de Iracema*:

Adeus, adeus,/Só o nome ficou.../Adeus, Praia de Iracema,/Praia dos amores/ Que o mar carregou./ Quando a lua te procura/Também sente saudade/De tudo que passou,/De um casal apaixonado,/Entre beijos abraçados/Que tanta coisa jurou./Mas

* Mestranda em História e Culturas, pela Universidade Estadual do Ceará. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. E-mail: vanessansouza@gmail.com



a causa do fracasso/Foi o mar enciumado/Que da praia se vingou./Ô, Ô... Adeus, adeus... (**Adeus, Praia de Iracema**. Samba de carnaval. Luiz Assunção, 1954.)

É interessante a forma melódica como ele falou da Praia de Iracema que deixara de existir enquanto um espaço frequentado pela sociedade, espaço de construção de sociabilidades. Com saudosismo relatava a existência de um amor e a ausência dessa praia que havia sofrido degradação na década de 1950 – e que alguns autores determinam como fatores dessa destruição e abandono a transferência do porto para a Praia de Mucuripe – logo, o compositor de forma poética transformou um acontecimento histórico que envolvia questões políticas, econômicas e até mesmo ambientais, em uma narrativa cheia de saudade, amor e sofrimento buscando exaltar a beleza que existira nessa praia.

Dessa maneira, suas linguagens musicais e suas narrativas em forma de canção iam se transformando em vestígios de uma cultura escrita. Ao pensarmos em vestígios de uma cultura escrita, compreendemos que ao analisarmos as letras das canções, temos a possibilidade de encontrar em suas entrelinhas traços da realidade entrelaçados ao imaginário do artista, nesse sentido, a canção torna-se uma obra de arte que mede a relação entre o autor/artista e o público que esse almeja alcançar. A partir desse pressuposto, se manifestava o compositor abordando sentimentos, espaços de sociabilidades e sujeitos. Sabemos que a literatura e a música são obras distintas, porém não podemos negligenciar a condição de transferência de ideias e intenções que ambas possuem. Enquanto obra de arte a música se constitui em vestígios de uma cultura escrita de determinada sociedade, da mesma forma que, delinea a condição social de seu autor.

Tomemos por exemplo à canção *Jangadeiro do Ceará*, onde o compositor através da melodia narrou o cotidiano vivido pelo jangadeiro que aos perigos do mar se lançava, e que não recebia o merecido valor.

No Ceará/É coisa que não vale nada/Olha lá no Mucuripe/Como vai uma jangada,/O vento leste/Sopra furiosamente/Que perigo dessa gente/Quando dá uma bordada./Não teme a costa/Vai com toda a valentia/Sobe onda e desce onda/Não respeita a ventania,/E o tubarão que também/Faz a companhia/Vai brincando/Com a jangada,/Vai cortando/A maresia/Eu também vou pro mar,/Vou navegar.../Uma jangada/Quando tem de viajar/Carrega um samburá/Pra peixe/E o atavio de pescar,/Uma quimanga/Com farinha/E o peixe assado/Fumo bom, cachaça boa/E o currimboque de torrado./E o jangadeiro/Deixa em casa/A mulherzinha/E o filho pequenino/Pra acabar de se criar,/Mas, rapazola/Segue sempre/A mesma escola/E é mais um jangadeiro/Que tem de enfrentar/O mar.(**Jangadeiro do Ceará**. Batuque Praieiro. Luiz Assunção, 1931).

Nesse contexto, o compositor tornava visíveis sujeitos esquecidos pela sociedade, através das representações do sensível, do que vivia e desejava que fosse real. Mostrando a



realidade de sujeitos humildes, que se jogavam no desconhecido em busca de seu sustento e da manutenção de sua família. Enquanto artista, Luiz Assunção era um homem movido pela emoção, para ele, o amor vinha sempre acompanhado de tristeza, desejo, dor, traição.

Em outro momento, ele escreveu novamente sobre a praia, dessa vez a Praia do Mucuripe¹, a letra se referencia a um fato verídico – segundo o compositor – que ele presenciou e decidiu transformar em canção. Na letra *Vive Seu Mané Chorando*, Luiz Assunção abordou o amor, a traição, a dor e a desilusão. A canção está impregnada de sentimentos, da dor de uma perda, onde o compositor pode criar uma história “relatando a situação de abandono, em que o apaixonado se consome nas dores da ausência e do desprezo” (MATOS, 2007, p. 159).

Vive seu Mané chorando/Com saudade da Maria/Vive seu Mané chorando/Toda a noite e todo o dia;/Vive seu Mané chorando/Porque ela não voltou,/A Maria foi pro samba/E sambando lá ficou./Numa festa em Mucuripe/A Maria foi dançar/Arranjou um namorado/E desta vez não quis voltar./Eu perguntei à Maria/Por que procedeu assim?/Ela deu uma gargalhada/E saiu rindo de mim. (**Vive “Seu” Mané chorando.** Samba médio. Luiz Assunção, 1946).

Como um espaço de sociabilidade, boemia, divertimento, a praia foi grande inspiradora na escrita do compositor, horas narrando cotidianos daquele local como vimos em *Vive “seu” Mané chorando*, horas denunciando o descaso público com a destruição que a praia sofrera como vimos em *Adeus Praia de Iracema* e em outras canções, horas idealizando amores, enfim, a praia proporcionava ao compositor poetizar a atmosfera de paixões e vivências que ali existiam, como veremos em *Praia do Futuro*:

Meu Deus que beleza!/O céu adorando o verde mar,/entre abraços e beijos sem fim/e Fortaleza também fica a sorrir/vendo na praia do Futuro,/uma jangada chegar,/Se falar com a verdade/vejo também na linda praia/belas praianas vermelhinhas de sol./e mimosas sereias pescando amores/com beijos em vez de anzol! (**Praia do Futuro.** Verso. Luiz Assunção, 1962).

Como um observador, Luiz Assunção estava sempre atento ao que acontecia na sociedade, como músico buscava poetizar os fatos de maneira a transformá-los em algo mais doce, suave, sensível, que pudesse tocar o coração daqueles que o ouviam. Nesse sentido, no ano de 1945, ao retornar da boemia noturna, ao saber do final da Segunda Guerra Mundial, sentou-se ao seu piano para compor uma canção: “Ao raiar da madrugada, coberta de luz e de glória, ao som da última granada, surgiu a nossa vitória...” (**Ao raiar da madrugada.** Samba de Carnaval. Luiz Assunção, 1945). A música foi um sucesso tão grande que levou a Escola de Samba Luiz Assunção, ganhar o prêmio de primeiro lugar no ano seguinte.

Assim as narrativas de Luiz Assunção acabavam por recompor instantes do dia-a-dia da sociedade fortalezense nos quais geralmente ele estava envolvido, quer seja por sua observação, quer seja por opinião ou opção, como podemos observar em sua *Valsa da Victoria* de 1930, onde o compositor exaltou a vitória de Juarez Távora² e a conquista que o povo brasileiro obtivera com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder dando início ao Estado Novo.

Foi grande a alegria/Do povo brasileiro,/Ao ver salvar a nação./Seus filhos em negra
lucta/Rogavam a Deus compaixão!/Até que o espírito brilhante/De um feliz
Nordestino/Vibrando avante/Cumprindo o destino,/Desfraldou o seu
pendão./Salvemos!... Salvemos!/o heróe General./Louvemos!/Os feitos de seu
ideal./Esperamos com fé/Que o “nobre” Juarez,/Nos deixe em paz legal./ – Depois de
uma vida oprimida/A aurora da “Nova-vida”/Raiou na pátria querida./E na estrada
luminosa/O povo, em revolução,/Saudou o nome de JUAREZ/O “Salvador” da nação.
– (**Valsa da Victoria**³. Valsa. Luiz Assunção, 1930).

Com inspiração ele resgatara em sua canção uma vitória que para ele pertencia ao povo brasileiro e personificara a imagem de Juarez Távora como um herói, um salvador digno de honras e exaltações. Num sentido poético, suas composições e seus versos ganham vida, descrevendo dores, amores, experiências, Luiz Assunção era sensível às inquietações de seu tempo, as frustrações amorosas e as necessidades cotidianas da sociedade.

Coisa semelhante aconteceu em *Oração à chuva* de 1980, o compositor mais uma vez abordou um assunto cotidiano em sua narrativa, nela Luiz Assunção relatou o sofrimento trazido pela seca e rogou ajuda divina para que o sertão parasse de sofrer com a estiagem, mais uma vez sua linguagem poética buscou trazer doçura e amenizar a dor sentida pela ausência da chuva.

Escutai queridos irmãos, as chuvas são as lágrimas que correm dos nossos olhos ao ver a malvadas seca judiar-nos em pleno verão, vendo faltar a água que beija as flores, os legumes e as árvores frutíferas e enchendo os rios para matar a sede dos animais torturados e das aves mudas de tristeza na solidão, e, finalmente, rogos a olharem para o Céu, pedindo proteção e a suplicarem ao Coração Celestial um pouco da grandeza do seu amor esquecido e da sua proteção!/Ó Senhor do Universo, se for alguma falta nossa para com o Senhor, querido Pai, que nos perdoe e lembrai-vos que errar é humano, então dai-nos o vosso perdão e mandai-nos a chuva tão querida!Amém./Ao Bom Deus/Vem agora chuvinha querida/chuvinha do meu coração,/Papai do Céu já mandou/chover bem no meu sertão! (**Oração à chuva**. Verso. Luiz Assunção, 1980).

Como nos coloca Matos (2007), a música faz parte de um processo essencial da subjetividade, ela estabelece elos entre os agentes culturais, sociais, políticos e econômicos, sendo uma manifestação artística contínua dos aspectos e das vivências cotidianas de

determinada sociedade. Dessa forma, esses entrecruzamentos nos permite analisar e compreender os múltiplos olhares que o compositor tinha sobre a cidade e seu cotidiano.

As canções não devem ser tratadas como peças frias, apropriadas de forma neutra pelos sujeitos, não ocorre uma imposição uniforme, um padrão de leitura, execução ou audição, podendo-se observar distintas experiências de gravação, interpretação que geram modos de apropriação múltiplos, sentidos variados e com rumos inusitados. (MATOS, 2007, p. 39)

Um homem de múltiplas artes tinha na sua escrita sempre o mesmo tom melancólico, saudosos, mostrava amor pelo que fazia e buscava ser reconhecido por todos, visto que, o artista depende de seu público, da reação positiva ou negativa que este terá ao ler seus escritos, ou ouvir suas canções, onde através desse retorno do público, é que o artista terá noção da dimensão alcançada por sua obra, se esta foi aceita ou recusada pela sociedade. Onde segundo Cândido (2006):

O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador. Os artistas incompreendidos, ou desconhecidos em seu tempo, passam realmente a viver quando a posteridade define afinal o seu valor. Deste modo, o público é fator de ligação entre o autor e a sua própria obra. (CÂNDIDO, 2006, p. 47).

A canção enquanto obra de arte, vestígio de uma cultura, submete-se a apropriações e reapropriações, ganhando múltiplas ressignificações. Nela o compositor coloca seus sentidos e anseios esperando que haja um retorno por parte de seu público, que definirá os lugares que essa canção ocupará. Muitas vezes, a canção exprime as experiências pessoais de quem a compôs, seus sentimentos de dor, saudade, solidão.

Uma composição é, por assim dizer, um novelo de muitas pontas. Ao circular socialmente, ela, em seu moto-perpétuo, pode ser inclusive o lugar de encontro de diversas tradições e contestações, espaço aberto para a multiplicidade de significados e para a incorporação de vários sentidos, até mesmo conflitantes entre si. (PARANHOS, 2004, p. 3).

Faz-se necessário, portanto, entendermos que independe o fato da canção ser velha ou nova, ela sempre estará sujeita a fazer conhecer novos significados, manifestar novos sentimentos, como nos coloca Paranhos (2006), a canção não está apenas para si, voltada para o seu interior, não existe nada que a proteja de sofrer novas apropriações, outras redefinições e sentidos.

Em várias letras e versos de Luiz Assunção, pudemos identificar suas experiências que ele buscava ligar paralelamente a outros fatos. Em Separação de 1964, ele narra com tristeza para uma de suas filhas a dor de uma partida. Percebe-se na escrita a dor que um pai



compartilha com a filha, mostrando afeto e carinho pela mesma, buscando consolá-la com palavras doces e esperançosas.

Fátima, a vida é mesma assim:/cheia de surpresas e tragédias,/que nos aparece a qualquer hora./Enfim!É muito triste olhar ao longe/a esperança que se foi embora!.../Só consideramos a felicidade/quando ela foge da gente, escondida!.../Em minhas orações, em teu nome falarei,/e pra Deus, tudo é possível.../Até as pedras se encontram na vida. (**Separação**. Verso, Luiz Assunção, 1964).

Para Luiz Assunção não bastava apenas ele compor canções e escrever versos e poesias, ele queria que essas fossem cantadas, fossem guardadas na memória da sociedade de sua cidade amada, como o mesmo costumava dizer, para ele não importava se ele tinha nascido e se iria um dia morrer, mas o que ele queria era ser preservado na memória dos que aqui ficassem assim o compositor esperava que suas músicas fossem sempre tocadas e cantadas. Nesse sentido, como nos coloca Cândido (2006), podemos então inseri-lo dentro de uma tríade onde enquanto artista ele depende de sua obra, que depende de seu público, ou seja, o público torna-se o principal responsável pelo sentido que a obra receberá e o autor não estará realizado caso sua obra não receba essa intervenção do público.

Cabe ressaltar que, sua condição social enquanto músico não lhe proporcionara oportunidades de ascensão, mesmo tendo tocado com muitos artistas famosos nacional e internacionalmente, não conquistou maiores espaços dentro do cenário musical, no que diz respeito as suas composições gravadas por várias gravadoras elas acabaram sofrendo modificações em sua estrutura, desde melodia, até mesmo em trechos da letra, como podemos ver no relato do Jornal O Povo:

Assunção não logrou, todavia aquilo que se convencionou chamar de sucesso. Vindo do Maranhão para o Ceará, permaneceu na Província, fiel às suas amizades e aos costumes de uma terra que já o adotou como filho. Assim mesmo, a força do talento do velho compositor, impôs que algumas de suas composições fossem gravadas em disco. Foi o caso, por exemplo, de “Siá Mariquinha” que ainda hoje se canta por aí afora. “Vive Seu Mané Chorando”⁴ é outra das criações do incorrigível boêmio de nossa cidade. Nesse caso, no entanto, ele não esconde a revolta de terem modificado a letra, trocando Mucuripe por Lapa. Em suma, transferiram o cenário da história contada pelo compositor, num desrespeito total aos direitos autorais. (O Povo, 13.07.1977).

Este trecho nos permite ver que o sucesso de suas canções não foi suficiente para o mesmo manter-se na memória de diferentes gerações e dessa forma conquistar o almejado reconhecimento de sua importância e de sua arte. Esse se tornou então um motivo para que ele vivesse lamentando de sua velhice e recordando com saudade, tristeza e dor sua mocidade, que foi a grande “estação áurea” de sua vida, onde o compositor vivia cercado da boemia,



expondo as sensações, revelando as sensibilidades e os sentimentos, testemunhando emoções do cotidiano da sociedade fortalezense.

Em verdade, como musicista e compositor, Luiz Assunção fez batuques, marchas, frevos, valsas, canções, hinos, choros, baiões, toada sertaneja, boleros, tango, rumba, mambos, maracatu, e outros diversos gêneros. Além disso, foi arranjador de orquestra, copista de música, desenhista, boêmio e romântico a ponto de colocar o piano debaixo de uma árvore no quintal para ver a lua, as estrelas e fazer composições, amanhecendo debruçado sobre o piano molhado, e o copo, em vez de bebida, com água da chuva. (CASTRO, 2008, p. 63)

Assim, a partir da análise dos espaços que autor e obra ocuparam, compreendemos que, a questão mercadológica tem um grande peso no que se refere ao reconhecimento de um artista, dessa forma, não podemos esquecer o papel formador de gostos e opiniões que o rádio teve a partir da década de 1940, ouvir o rádio passou a fazer parte do cotidiano da sociedade e está passou a estabelecer preferências naturalmente, como se não houvesse influências por parte da indústria radiofônica.

O rádio na qualidade de uma tecnologia da indústria cultural sempre utilizou justamente a estratégia de parecer desinteressada do ponto de vista pedagógico e mercadológico. A formação do gosto surge para os ouvintes como algo natural e não intencionalmente constituído. Quanto menos interessado o rádio se apresenta maior é sua eficácia mercadológica. (ROGÉRIO, 2008, p. 78)

Dentro desta lógica os artistas que conseguiram se projetar nacionalmente foram os que gravaram suas composições e que ganharam esse espaço “**desinteressado**”⁵ no rádio que se consagrava como um importante meio de comunicação. Logo, fazia-se necessário para o artista conseguir espaço dentro da emergente indústria cultural. “A produção tanto material como cultural tinha por destino o mercado, gerando novas necessidades, criando novos estilos de vida, comportamentos e hábitos, difundidos mais amplamente pelos meios de comunicação de massa.” (MATOS, 2006, p. 410). No entanto, Luiz Assunção não conseguiu inserir-se nessa indústria cultural, apesar de parte de suas canções terem sido tocadas em todo o país, o compositor não conquistou o tão sonhado reconhecimento e prestígio. Em outro momento, o jornal O Povo, relatou mais uma vez o estado de inófia que vivia o compositor, vejamos:

A arte, mesmo sendo a expressão maior dos homens é, por muito deles, desprezada. A recente e inadiável morte do pintor primitivista Chico da Silva serve como retrato do descuido da sociedade para com os seus artistas. Outro exemplo do desdém aos que fazem arte no Ceará é a situação de penúria em que se encontra o compositor Luiz Assunção, 83 anos, cuja carência econômica e afetiva é tema de um documentário/vídeo realizado pelo Curso de Comunicação Social da Universidade Federal e Televisão Educativa do Ceará. Se Luiz Assunção tivesse nascido no sul do



País, naturalmente estaria incluído entre os grandes compositores nacionais, como Nelson Ferreira ou “Capiba”, afirmou Nirez. Seu talento múltiplo, como pianista, harmonista, poeta e, acima de tudo, homem alegremente ingênuo, fez com que suas quase duzentas canções tocassem em todo o Brasil. Muitos de seus trabalhos foram utilizados indevidamente por aproveitadores e seu nome serviu como elemento gerador de prestígio para políticos insensatos e em seu piano, muitos tiveram músicas gratuitamente retocadas, denuncia o vídeo, ressaltando que hoje, muitos desses que se nutriram da obra de Luiz Assunção, sequer lembram de brindá-lo com uma visita ou um carta postal. (O Povo, 20.01.1986)

Esta era a situação denunciada pelo jornal, um artista engajado em sua arte, que como um homem ingênuo não soubera manejar a riqueza de seu talento, não recebera os direitos autorais pela maioria de suas composições utilizadas. Conquistou muitas medalhas e honrarias enquanto podia tocar, mas quando a velhice lhe pesou sobre os ombros impossibilitando-o de compor, a maioria dos que considerava como amigo o abandonaram, vivei anos de glória, rodeados de pessoas e foi obrigado a suportar a solidão que a velhice e a doença lhe trouxeram. “Falando metafóricamente, morreu pela falta de significado de sua vida, por ter perdido completamente a crença de que seus desejos mais profundos seriam satisfeitos.” (ELIAS, 1995, p. 09). A plena consciência que havia sido esquecido pela sociedade e pelos amigos, aumentou a tristeza e a solidão do compositor, criando nele um sentimento de rejeição, um ressentimento que amargurou pelo completo abandono em que vivia.

As composições de Luiz Assunção ficaram na memória de poucos, porém ainda hoje nos permite perceber como as sensibilidades estavam presentes em sua poética musical, saudade, amor, solidão, tristeza, alegria e dor criavam um paralelo com o cotidiano da cidade em versos singelos, em narrativas cantadas que se transformaram em vestígios de uma cultura escrita. Como artista e boêmio, viveu o cotidiano noturno dos bares e das pensões alegres, ficou conhecido por seus carnavais, suas belas canções, seus múltiplos talentos, entretanto, não conseguiu em vida o prestígio esperado.

Assim, em 1987, o compositor dos amores da Praia de Iracema, o poeta enamorado do samba, o artista que muito contribuiu para a Cultura Popular Cearense, foi sepultado ao som de suas composições cantadas pelos poucos amigos que lhe restara e que lamentavam o fato dele ter sido injustiçado ao não receber o reconhecimento que tanto esperava. Sem nos direcionarmos para as questões que não permitiram que Luiz Assunção ascendesse socialmente através de sua música, procuramos aqui refletir sobre sua obra e o papel que ela teve em sua vida, sobre a importância que a canção tem de revelar as múltiplas sociedades dentro de uma mesma sociedade. Pudemos através desses versos e canções, entendermos um pouco de suas sensibilidades e seus medos, assim como, sua visão de cidade. “Por tais razões,

ao analisarmos uma composição e suas distintas interpretações, convém termos consciência da dança dos sentidos que a envolve. Ela, sem deixar de ser una, é simultaneamente múltipla e exhibe, desafiadora, as distintas faces do mesmo.” (PARANHOS, 2006, p. 08).

FONTES

Jornal O Povo

Antologia: Luiz Assunção – O Enamorado Boêmio do Piano. Fortaleza-Ceará, 1982.

Composições; versos e poesias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÂNDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre Azul, 2006.

CASTRO, Wagner. **No tom da canção cearense: do rádio e tv, dos lares e bares na era dos festivais (1963-1979)**. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

ELIAS, Nobert. **Mozart, sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Pelas noites do Rio de Janeiro: roteiro boêmio de Antônio Maria. IN: PESAVENTO, Sandra Jatahy, (org.) **História Cultural: experiências de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

_____, Âncoras de emoções: Poética e música em Dolores Duran. IN: ERTZOGUE, Marina Haizenreder, PARENTE, Temis Gomes, (orgs.). **História e sensibilidades**. Brasília: Paralelo 15, 2006.

_____. **A cidade, a noite e o cronista: São Paulo e Adoniran Barbosa**. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

PARANHOS, Adalberto. De quantos sentidos se compõe uma canção. In: XVII Encontro Regional de História da ANPUH-SP: **O lugar da História**. Anais Eletrônicos - XVII Encontro Regional de História da ANPUH-SP. Campinas-SP: CD Rom/ANPUH-SP, 2004.

PARANHOS, Adalberto. Ciladas da canção: usos da música na prática educativa. In: VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 2006, Uberlândia-MG. **Percursos e desafios da pesquisa e do ensino de História da Educação**. Uberlândia-MG: CD Rom. Edufu, 2006.

ROGÉRIO, Pedro. **Pessoal do Ceará: habitus e campo musical na década de 1970**. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

¹ A Praia do Mucuripe fica a leste da Praia de Meireles. Na década de 1950 o porto existente foi transferido da Praia de Iracema para lá. Seu espaço é ocupado por pescadores e jangadeiros.

² Juarez Fernandes do Nascimento Távora, militar e político cearense participou desde 1922 de movimentos que influenciaram a política nacional. Em 1930, após retornar de seu exílio em Buenos Aires organizou no nordeste o movimento de deposição do então presidente Washington Luis apoiando o governo de Getúlio Vargas.

³ Em 30 de novembro de 1930 essa música foi cantada em *premiere* no Cine Pio X por Romeu Menezes homenageando Juarez Távora.

⁴ A essa referência, o Professor Jairo Castelo Branco, diretor da Escola de Música Luiz Assunção, coevo e amigo do compositor, explicou que quando os 4 Azes e 1 Coringa foram gravar “Vive Seu Mané Chorando”, na cidade do Rio de Janeiro, a gravadora achou que Mucuripe era algo que soaria estranho para os cariocas, e decidiu sem nenhuma autorização do compositor, alterar a letra da canção colocando a Lapa por essa ser mais conhecida.

⁵ Grifo nosso. Havia uma espécie de parceria entre emissoras de rádio e gravadoras, para que se tocassem as músicas indicadas pelas gravadoras para com isso, através da recepção e do consumo de determinadas canções, o público criasse o seu gosto musical.